LISBOA — SEXTA-FEIRA, 12 DE AGOSTO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 110 — 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

O SR. dr. Antonio Granjo apresentará ao Parlamento, na proxima segunda feira, um projecto de lei que beneficia os oficiais milicianos ex-alunos da Escola Militar. O sr. ministro da Guerra, apesar de concordar em principio com o projecto, entende que ainda é cedo para o levar á discussão.

O ex-ministro do Comercio persiste no emtanto em tornar publico na Camara o seu trabalho e se o não fizer fa-lo-há o sr. Ribeiro de Carvalho—o que vem a dar na mesma.

* * *

ALGUNS parlamentares democraticos vão levantar em S. Bento uma questão, que pela sua natureza dourada suscitará calorosas discussões. Trata-se das reparações de guerra. Afirmam varios elementos de preponderancia no P. R. P., que a comissão de reparações, com séde em Paris, já tem em seu poder os titulos correspondentes ao pagamento da nossa divida, ou sejam trinta e nove milhões de libras. E sustentam que o governo tem o dever de o comunicar ao país e de amortisar com eles a nossa divida externa, pois que o seu valor total corresponde a metade do valor do que devemos no estrangeiro.

* * *

SEGUNDO o *Diario de Noticias*, de mil e duzentas bocas de rega que ha em Lisboa, seiscentas e tantas não funcionam por estarem avariadas.

Este argumento só pode servir para defeza da Companhia das Aguas, quando ela deixar de ser Companhia da Falta de Agua.

* * *

NA terça-feira proxima realiza-se no Arsenal da Marinha uma sessão promovida pelo Club Militar Naval, na qual quatro oficiais da Armada tratarão das mais importantes e urgentes necessidades daquela corporação.

* * *

SABEMOS da venda, para a construção de um grande hotel, do predio do Chiado, do n.º 74, onde está instalado o Turf Club, e que é propriedade do sr. D. Francisco de Almeida, genro do falecido sr. Carvalho Monteiro. O preço de venda aproxima-se de 1.000 contos.

* * *

OS jornalistas parlamentares vão pedir á mesa do Congresso e á Comissão Administrativa que favoreça o seu serviço com a colocação de um telefone privativo da gente dos jornais. E' que é um suplicio para se poder falar pelo unico telefone disponivel dos senhores deputados, muitos dos quais, os novos da provincia, levam meia hora ao aparelho por não saberem ainda utilizá-lo.

* * *

NO dia 15, segunda feira, realiza-se o julgamento do sr. Liberato Pinto. Diz-se que este acontecimento militar vai ser revestido de contraditoria sensação.

* * *

NUM dos primeiros dias da proxima semana iniciar-se-ha no Parlamento o debate sobre a politica governamental.

Já estão inscritos muitos deputados da oposição.

ESPANHA

O sr. Allendesalazar, presidente do ministerio que os desastres de Marrocos levaram a demitir-se, pertence ao numero dos homens que os acontecimentos exaltam a situações superiores ás suas fôrças.

Na hora incerta e amarga em que Dato foi morto, carecia-se de alguem que, na politica espanhola, desse a toda a gente a impressão duma anecdota feliz, sucedendo a uma página dolorosa, das que o Diabo inspira para nos roubar a confiança nos nossos meios de pensar e digerir...

Passou a primeiro plano o sr. Allendesalazar.

A sua presença no governo correspondeu a uma «detente». As amarguras desfizeram-se e êle principiou a ser olhado como uma esperança provisoria de provisorias felicidades. Os jornais não tinham coragem de o atacar. Quando queriam dar-se ares de que a politica do gabinete podia tomar um aspecto polemico, atiravam-se ao sr. Lacierva, que tem idéas e ombros largos.

Do sr. Allendesalazar citavam-se ditos de espirito, algumas frases cheias de graça bem castelhana. Aceitavam-no até com um pretexto para esquecer cuidados e previsões funestas. Presidindo um governo de transição, parecia destinado a durar e perdurar. O seu scepticismo, a sua bonhomia, a sua figura de linhas pouco academicas, mas rescendentemente epicuristas, a sua desconfiança de inteligencia e dos problemas que ela suscita, tudo eram qualidades proprias para se impôr á consideração de um povo, já farto de retorica e de agitadores de revoluções impossiveis.

Havia a crise industrial, as bombas de Barcelona, a questão de Marrocos...

O sr. Allendesalazar, vendo que não conseguiria resolvê-las, pensou em adormecê-las. O processo parecia dar resultado. Esperava-se que até Outubro se mantivesse a calmaria.

O visconde de Eza, ministro da Guerra, interrogado sobre a possibilidade de se enviarem novas tropas para Melilla, declarou categorico:

—«Nem mais um soldado!».

Era o direito ao sôno reparador, a tranquilidade das elegancias em S. Sebastian. Ninguem pensou, sequer, no papel importante que o Diabo desempenha na historia de Espanha. Inspira a comedia e a tragedia. No museu do Prado, sente-se que os grandes artistas contaram sempre com êle. Ainda nas telas mais repassadas de misticismo, se revela o seu poder de tentar, de perverter a inocencia.

Porque não se lembrou dêle o sr. Allendesalazar?

Abdel-el-Krim incarnou o poder do mal, a furia satanica de destruir. No Riff, parece que se abriu a boceta de Pandora.

Morreu o general Silvestre, um bravo e uma vitima da sua bravura.

A fina flôr dos soldados de Espanha vem sendo dizimada.

Há luto nos lares. As velhas memórias heroicas erguem-se dos ossuarios.

A «sombra» do Cid ressurge do seu tumulo.

O heroismo, como uma onda de rejuvenescimento, vai do mar de Cadiz ao Cantabrico.

Allendesalazar
(Desenho de Sirio)

O sr. Allendesalazar, que sucedeu a um homem — Dato, vai dar lugar a um outro — Maura. Subiu ao poder, para acalmar a Espanha, presa de uma pesada ansiedade, e agora cai, para que um povo inteiro se cure da sua excessiva credulidade, entregando-se em mãos mais experientes.

O sr. Allendesalazar ficará na politica espanhola como o exemplo de uma ilusão, que só se manteve, até que se completasse a tragedia que se propunha mascarar. As mentiras pagam-se sempre muito caro.

A Espanha, porêm, tem um sentimento proprio da grandeza e do sacrificio, que a há de salvar de todas as tormentas e aventuras.

A VIUVA do presidente da camara do Seixal, ha dias morto a tiro pelo tenente da exercito sr. Viegas Lata, constituiu parte acusatoria no processo, tendo entregue a acusação ao advogado sr. Gonçalves Cota.

* * *

O SR. Antonio Maria da Silva não assistiu ontem á reunião do grupo parlamentar democratico.

* * *

O SR. Moura Pinto conferenciou esta tarde demoradamente com o sr. dr. Fernandes Costa, ácerca da apresentação do novo ministro do comercio ás duas camaras.

No final da conferencia seguiram ambos em automovel para o Parlamento.

* * *

NA Biblioteca Nacional a sala de revistas estrangeiras não está sendo franqueada ao publico. Porquê? Porque o pessoal está todo ausente.

* * *

AS taxas postais, contra as quais, em relação ao Brasil e ás colonias, toda a gente, que se orgulha da lingua portugueza, vibrantemente protesta, vão ser diminuidas em 20 por cento. Uma carta custará para o estrangeiro $50 em vez de $60, e um quilo de livros 2$00 em vez de 2$40.

* * *

NA reunião de ontem dos parlamentares democraticos foi muito lido e relido o *Diario de Lisboa*, sendo possivel que esse interesse, que agradecemos, tivesse tido a sua origem na conversa que um nosso redactor teve com o ex-deputado sr. Sá Pereira e que o nosso numero de ontem inseria. Da reunião resultou, como se sabe, que o grupo parlamentar vai cair sobre o governo com moções, propostas, requerimentos, votos de desconfiança, emfim, todas as armas e bagagem de oposição, mas, claro, sem fazer obstrucionismo. Afirmamos que o nosso intuito, ouvindo o sr. Sá Pereira e *reproduzindo-o*, não foi fazer, ou inspirar, guerra ao governo.

* * *

O senado vai apreciar, numa das suas proximas sessões, o projecto de lei sobre caixas de credito maritimo, já aprovada na ultima camara dos deputados, por proposta do ex-deputado sr. Santos Graça.

Este projecto tende a beneficiar a classe piscatoria, emprestando-lhe capitais para cooperativas maritimas, por meio de hipoteca dos barcos.

* * *

A eleição de Aveiro deve ficar ainda hoje resolvida. Falta o parecer que o sr. Ribeiro de Carvalho, presidente da comissão de verificação de poderes, não elaborou até agora, o que prometeu fazer ámanhã.

* * *

HOJE, ás 16 e 55, na Camara dos Deputados, presidia o sr. João Luiz Ricardo e fazia numero do lado da maioria o sr. Jorge Nunes.

UM INQUERITO DO "DIARIO DE LISBOA"

Vai haver touros de morte em Portugal?

OS DEPOIMENTOS DOS SRS. JOSÉ VENTURA RAMALHO, AUGUSTO CARDOSO PINTO E MÁRIO FORTES (DE SANTAREM).

Sr. Redactor:—Alguma coisa se tem escrito na imprensa advogando o estabelecimento dos touros de morte nas corridas de touros, e por isso permita-me, sr. redactor, que eu apresente aqui a minha opinião. Sou aficionado e frequento as touradas há cerca de vinte anos, isto é, desde os tempos em que a Praça do Campo Pequeno era explorada pela Empresa Batalha.

Naqueles tempos tiveram os amadores ocasião de vêr no primeiro redondel do paiz os espadas mais afamados e em algumas tardes conseguimos vêr reunidos os irmãos «Bombita» (Emilio e Ricardo), Quinito e Machaquito, Fuentes e Reverte, Bonarillo e Gallo, etc., etc. Tambem tivemos o prazer de apreciar as verdadeiras corridas á antiga portuguesa sempre promovidas com fins altruistas. Estas ligeiras citações servem apenas de preambulo a algumas considerações que mais adiante se seguem.

Contra os touros de morte e corridas de touros a fingir se insurgiram a Associação Protectora dos Animais, as juntas de Paroquia e a Associação do Livre Pensamento; já alguns defensores dos touros de morte teem anunciado os espectaculos barbaros, contra os quais estas corporações nunca se revoltaram e por isso ocioso seria repeti-los aqui.

Resta-me apenas preguntar quantas vezes a Associação Protectora dos Animais protestou contra os excessivos pesos que os animais de carga são obrigados a transportar acompanhados dos mais crueis tratos, muitas vezes com cacetes, instrumentos perfurantes e outros mais. Na via publica, cães e gatos a contorcerem-se nas ansias da morte, espectaculos de todos os dias cometidos não só por atropelamentos como por individuos de instintos canibalescos. Onde estão os protestos?

Algumas vezes as Juntas de Paroquia e Comissões Paroquiais dos partidos republicanos se teem aproveitado das touradas para fins beneficentes. A que veem, pois, os seus protestos? A Associação do Livre Pensamento e a Liga dos Direitos do Homem já se lembraram de pedir a proibição dos combates de «box», que agora são quasi diarios?

O que há apenas a estudar é a forma da sua permissão. Quanto a mim, a autorização deve ser dada, entre outras nas seguintes condições:

1.ª Será permitida a morte de touros em todas as praças do paiz.

a) Nas praças de Lisboa e Porto poderão ser mortos em cada tourada os dois ultimos touros lidados. Nas restantes praças sómente o ultimo touro corrido poderá ser morto.

2.ª Só poderão matar touros os espadas que tenham recebido alternativa de matadores nas praças de Madrid ou Sevilha.

a) Tambem poderão estoquear touros os toureiros portugueses que tiverem recebido alterantiva de matadores em qualquer das praças anteriormente citadas.

b) Os emprezarios ou promotores de touradas deverão com 48 horas de antecedencia para os efeitos deste numero e sua alinea a) apresentar ao respectivo governador civil copia do contracto feito com o espada e por onde se prove indiscutivelmente que este se encontra nas disposições do referido numero e alinea a).

3.ª Com touros desembolados não é permitido o toureio a cavalo á portuguesa nem a sorte das pegas por forcados.

a) O toureio a cavalo á moda de Espanha é permitido com a condição dos cavalos estarem completamente defendidos por fortes coberturas de couro.

b) A autoridade mandará suspender imediatamente o espectaculo quando o disposto na alinea anterior não seja rigorosamente observado.

O que se pretende com estas condições? Um reduzidissimo numero de touros mortos. No principio desta carta, mostrei que antigamente as touradas eram feitas com espadas de categoria e sabedores do oficio, e só com elementos de [illegible] poderá haver touros de morte! Quem tem a ganhar com isto? Os protectores dos animais, a arte tauromaquica e os aficionados. As Empresas já há muitos anos que nos não apresentam espadas mas sim *canivetes* e nestas condições não se poderão matar touros.

Os aficionados não querem o esquartejamento do touro; querem, sim, a morte do touro com arte e valentia. Se há por ahi alguem que alimente a esperança de nos apresentar em Algés o Antonio Preto a retalhar um touro ou dar-nos no Campo Pequeno uma corrida-burla com um espada boer ou a La Fragosa a espetarem uma espada no rabo de um touro, desilude-se. Nenhum aficionado seria capaz de o tolerar! Touros de morte, sim. Mas com todas as cautelas.—De v., etc.—*José Ventura Ramalho.*

* * *

Sr. director do «Diario de Lisboa»: — Respondo ao inquerito que o jornal de v. abriu ácerca do estabelecimento das touros de morte no nosso paiz. Não dou uma opinião, porque não tenho autoridade para isso; junto apenas o meu voto a tantos que há a favor dos «touros a sério». Porém, sejam me permitidas algumas observações:

A lide dos touros, especialmente o toureio a cavalo, tem entre nós tradições que se não devem perder. Quando vejo tourear a cavalo, lembro-me sempre de que os cavaleiros doutros tempos, que cravavam rojões nos touros, eram os mesmos que metiam lanças em Africa. Uma arte que tem tão nobres tradições não pode continuar no vergonhoso descrédito a que chegou. Portanto, ou se permite a morte dos touros, ou se acaba com as touradas ao modo actual. Com touros corridos algumas duzias de vezes, todos os conhecimentos e valentia dos nossos amadores e artistas redundam numa coisa inutil. Matando-se os touros, apurar-se-iam as castas, apareciam mais toureiros novos, a quem a boa qualidade de gado serviria de estimulo, o publico correria ás bilheteiras convencido de que veria melhores corridas que as actuais, emfim, as touradas voltariam aos seus tempos aureos e seriam um divertimento e não um aborrecimento, como são as que se vêem agora.

Os anais das touradas antigas não nos revelam muitos desastres mortais e se hoje conhecemos a tragédia que vitimou em Salvaterra o moço conde dos Arcos, foi porque Rebelo da Silva fez com essa tragédia meia duzia de páginas que são das mais belas da nossa literatura.

Mas — ai! — a Sociedade Protectora dos Animais vem dizer-nos que a morte dos touros é uma barbaridade sem nome, imprópria do século em que vivemos. Esta palavra «barbaridade» parece-me de um convencionalismo estupido e ridiculo. Dos animais que o homem sacrifica para seu divertimento, é o touro aquele que tem a morte mais nobre, mais gloriosa; concedem-lhe o direito de se defender, de lutar, e quando chega o momento de morrer, o seu inimigo, que nem sempre sai vitorioso, ataca-o de frente, lealmente. Os outros animais, é que são torturados, maltratados cruelmente, todavia, ninguem chama á sua morte uma barbaridade.

No ultimo concurso hipico, um cavalo sucumbiu num supremo esfôrço para saltar um obstaculo; no entanto, os concursos são um divertimento muito elegante e muito concorrido por senhoras.

Na provincia, já eu me levantei ás 4 horas da manhã, em vespera de Natal, para ver uns homens amarrarem um porco ao banco e um dêles cravar-lhe um facalhão que mexeu e remexeu dentro da ferida, e confesso que, ao deliciar-me com o lombo do animal, nem ao de leve me lembrei da barbaridade a que assistira.

O argumento mais forte que a Sociedade Protectora apresenta contra as corridas de morte é o espectaculo horroroso dos cavalos sangrando, com os ventres rasgados, donde pendem os intestinos esfacelados, mas ninguem vai aos touros para admirar êsses horrores, o que se vai ver é a arte e a valentia dos lidadores. Se o publico tem de assistir a esta fase barbara da lide, é porque não se pode prescindir dela. Os cavalos que nessa ocasião morrem, são animais velhos, inutilizados, que têm os seus dias contados. Comem e não produzem. Não têm já direito á vida. Tambem os caçadores dão um tiro ou uma «bola» aos cães que envelheceram e se inutilizaram ao seu serviço. Nada disto é barbaridade, claro!

Para terminar, citarei duas linhas duma «Receita de pato á Rousseau», que um jornal recomendava ás boas donas de casa... «e mata-se, não pelo processo ordinário de lhe cortar a cabeça, mas asfixiando-o, para que o sangue, ficando na ave, dê á carne um delicado sabor a caca».

Depois disto, não se diga que, nesta questão dos touros de morte, a palavra «barbaridade» não é de um convencionalismo estupido e ridiculo.

De V., etc. — *Augusto Cardoso Pinto.*

* * *

Sr. Director do «Diario de Lisboa»:—O inquerito aberto pelo «Diario de Lisboa» para recolher opiniões sobre se deve ou não ser permitida a morte do touro nas nossas praças, despertou natural interesse e curiosidade nesta região Ribatejana, por ser o ponto do paiz onde existe maior numero de criadores de gado bravo e em que a *aficion* taurina é cultivada com sincera paixão.

Santarem, mercê talvez destas circunstancias e ainda da sua situação, é a terra de Portugal onde se realiza maior numero de corridas; não podiam por isso os numerosos aficionados que para aqui há, ficar indiferentes a um inquerito tão original, direi mesmo caracteristico com o temperamento e indole da gente da borda de agua.

No desejo de auxiliarmos o seu jornal no intento a que se propoz, procuramos conhecer a opinião dominante, quer nos amadores que arriscam com galhardia a pele, lutando com os pontudos na arena, quer dos que, simples espectadores, aplaudem com *entrain* da barreira os arrojados lidadores. E foi assim que, á nossa consulta, obtivemos unanimes respostas, consoantes todas ao deferimento da pretenção da «Sociedade de Touros de Lide». Era natural.

O distintissimo advogado, dr. Carlos Borges, homem culto e inteligente, e que de bom grado se desloca para assistir a uma corrida organizada com bons elementos, abordado por mim, abertamente nos declarou ser pela morte honrosa do touro, em luta lial com o adversario, que tem sobre aquelle a vantagem do raciocinio.

—Mas o lado sentimental da questão? observamos nós:

—Pieguices e mais nada. A Sociedade Protectora dos Animais, exerce muito proficientemente a sua função, velando para não serem infingidos maus tratos aos pobres brutos.

Os sentimentais teriam razão, se todos os dias não fosse dada morte violenta a milhares de animais de toda a especie, em holocausto ao pantagruelico apetite humano, já que as teorias do nosso dr. Amilcar de Sousa não conseguem vingar. Não será bem mais estupido o duelo de «box» entre dois homens, esmurrando-se as ventas, ante um publico ululante de raiva e odio pelo lutador que não merece a sua simpatia ou por quem não apostou?

Regulamentem-se as corridas por quem souber do *metier* e teremos em Portugal um espectaculo soberbo, empolgante!

Um acaso feliz, colocou-nos frente a frente de alguem, que revestindo autoridade tecnica, viesse com a sua opinião, pró ou contra, esclarecer o nosso proposito.

Abordámo-lo imediatamente, apoz os cumprimentos.

—Quer dar-nos uma entrevista para um jornal?

—Mas v. agora é jornalista?

—Acidentalmente, para auxiliar o «Diario de Lisboa», no seu curioso inquerito sobre a morte de touros em Portugal.

—Estou ao seu dispor, mas o meu amigo já conhece o meu feitio, refractario a exibicionismos. Lá o nome na gazeta não quero.

—Condição imperativa?

—Sim, senhor. E nessa convicção, dir-lhe-hei sem receio de induzir em erro, que se fôr possivel conseguir autorização para se estoquearem touros, deveria ela limitar-se sómente a duas praças: Lisboa e Santarem.

—E porque tal restrição?

—Por serem os dois unicos centros capazes de suportar a elevação de preços, a que as empresas, naturalmente se veriam obrigadas, pois como sabe, é o divertimento que em Portugal maiores despesas acarreta, não devendo exceder determinado numero, em cada epoca, para as tornar desejadas.

—E quantos touros em cada tarde deveriam ser mortos?

—Apenas dois, que tantos são os que os espadas matam em Espanha, em cada tarde e o meu amigo compreende que não era viavel apresentar dois matadores na mesma tarde, porque se pagam muito bem.

—Que imediatas vantagens adviriam de tal permissão?

—Olhe, a principal, para mim, seria a de se recolher uma grande receita para a Assistencia Publica, e Santarem bem necessita beneficiar as suas casas de caridade, que vivem uma vida tormentosa. Acrescento que acho inutil o sacrificio dos cavalos, que a meu ver, deveriam ser protegidos, aplicando os picadores maior numero de varas aos touros, para lhes baixar a cabeça.

—Tambem assim penso.

—E para terminar: uma corrida á antiga portuguesa, com todo o rigor e aparato e que tivesse no final dois touros de morte, era o espectaculo mais interessante que se poderia organizar em Portugal!

Numa volta rapida pela cidade, deparámos com o «Patrão Carlos», *sobriquet* porque é conhecido amistosamente o nosso amigo Carlos Anacoreta, aficionado entusiasta e que nas entradas de touros, de pampilho na mão, montado em fogoso corcel, com o seu elegante chapeu á Mazantini, vai até á Bocarra, sitio de onde o curro levanta a caminho da praça.

—Patrão Carlos: Touros de morte ou não?

—Sim e tal e qual como em Espanha.

Achámos muito. Como o sabemos um tanto dado a exageros, consultamos a seguir o Sant'Ana, mais ponderado nos seus juizos, *bon vivant*, mesmo quando sofre alguma *colhida* grave e justamente apreciado neste meio:

—A sua opinião, amigo?

—Dois tourinhos no fim de cada corrida, menino, já não era mau...—De v., etc.—*Mario Forte.*

Fonsecas, Santos & Vianna
BANQUEIROS
ESTABELECIDOS EM 1861
Rua do Comercio, 116 a 122
Telegramas: SANVISE-LISBOA

GENTE DE TEATRO

O QUE SE TEM FEITO E O QUE SE VAI FAZER EM PROL DA CASA "GIL VICENTE"

MERCEDES BLASCO ENTREVISTA SOBRE O ASSUNTO O EMPRESARIO SR. LUÍS PEREIRA, TESOUREIRO DA CASA "GIL VICENTE"

SÃO PRECISOS CINCOENTA CONTOS PARA AQUELA SIMPATICA ORGANIZAÇÃO COMEÇAR A VIVER NUMA VIDA DESAFOGADA

Uma destas tardes, ao entrar na «Brasileira» do Rocio, avistámos Luiz Pereira, o simpatico empresário do Politeama, que há muito não tinhamos o prazer de encontrar, êle por êsses Brasis, nós pela estranja em vagabundagem artistica.

Tinhamos ouvido tantos comentarios malevolos, a respeito dos fundos da «Casa Gil Vicente», que havia artistas que morriam de fome, que não se sabia bem para que serviam tantas festas, tantos beneficios, se êsse dinheiro não aparecia, se era para os actores invalidos e se a êsses actores lhes faltava pão e asilo. Estas queixas, que se ouviam muitas vezes formular aos artistas necessitados, iam caindo no espirito do publico, onde semeavam a descrença sobre o fim de altruismo puro e simples dessa sonhada instituição.

Nós mesmo, que temos na seriedade e honradez dos promotores a maior confiança, não podiamos exibir-nos a um sentimento de receio, ao vermos quasi ao abandono e quasi morrendo de fome alguns dos nossos pobres irmãos na arte, ao lermos que já entrara esta e esta quantia para os fundos da Casa Gil Vicente e que se projectavam mais festas, aqui e ali.

Ora seria pouco habil, tendo á mão o tesoureiro, deixar escapar a ocasião de tirar a claro certas duvidas.

Não hesitámos e fomos directamente ao assunto:

— Então, Luiz Pereira, como vai essa Casa Gil Vicente? Não será essa uma nova edição das obras de Santa Engracia, ou poderemos dizer, como no «Burro do senhor Alcaide»: «Há de chegar um dia Um dia há de chegar»? Mas com mais certeza do que aquela que animava a esperança dos sebastianistas.

— A obra vai indo bem e estamos mais perto do fim do que se pensa, retorquiu Luiz Pereira.

— Sim, mas você sabe as queixas que há por aí, você sabe que, sobretudo, os que estão á espera dêsse asilo acham o tempo demasiado longo, tanto mais que os contos de réis que se diz haver já em caixa lhes fazem crescer agua na bôca, e que não são suficientes para condimentar o pão sêco que alguns têm como unico manjar.

— Sim, sim, eu sei o que quere dizer, mas nós temos a consciencia do nosso dever e não nos desviaremos do fim a que nos propomos, por mais que barafustem. Esses, a quem a nossa idéa mais cêdo aproveitará, são os primeiros a fazer exibições pouco edificantes, como ainda no dia da tourada dos actores, mostrando-se por essas avenidas do trajecto, para apiedarem o publico e indispô-lo contra nós, que não vamos já em seu auxilio.

— Sim, é de crer que toda a gente pense que da soma total se retirasse qualquer verba para socorrer os mais necessitados...

— Mas, isso é um absurdo, que só a impressão de momento, que êles tanto provocam, podia sugestionar. Como poderia levantar-se a Casa Gil Vicente, se dos fundos que fossem chegando distraissemos qualquer quantia para socorros imediatos? Nunca chegariamos ao «desideratum», nunca chegariamos a verba que eu julgo necessaria para abrir a Casa. Nunca chegariamos mesmo a verba alguma determinada, visto que, nesse caso, só haverá uma conta corrente e nunca um capital. Ora não foi essa a intenção desta iniciativa e peço-lhe até que esclareça o publico sobre êste ponto. E tenho a certeza de que todas as duvidas desaparecerão em face dêste dilema: ou os que hoje lutam com a miseria pacientam um pouco, ou a Casa Gil Vicente não passará de quimera.

— Tem razão, Luiz Pereira. E' isso mesmo e todos ficarão satisfeitos com essa explicação. Mas, vê, você, o espectáculo da miseria enternece e a gente não raciocina.

— Pensa a Mercedes que eu não tenho muita pena de não acabar já com a tortura de alguns sem pão e sem lar? Mas não podemos sacrificar uma classe inteira a alguns casos isolados.

— E conta já com verba, que lhe faça supôr uma proxima realização?

— Olhe, tinhamos dez contos em cofre, provenientes do primeiro beneficio que eu ofereci no Politeama, e agora a tourada, cujas contas não estão fechadas e por isso não as distribuimos ainda á imprensa, deve ter orçada por uns vinte contos. Eu reduzo tudo a bilhetes do Tesouro e vou depositando na casa Tota. Mas é ainda insuficiente. Eu calculo serem precisos cincoenta contos para começar desafogadamente. Porque teriamos assim já três contos de rendimento; depois, um «fauteuil» permanente em todos os teatros, contribuição a que nenhum empresário se recusará, estou certo disso.

— Não é muito que façam isso a quem os ajudou a ganhar a vida, e mesmo a fazer fortuna, emquanto tiveram fôrças e saude. Parece-me até que devia reinar um amigavel entendimento constante entre os empresários e os artistas, como forçados presos á mesma grilheta: o capricho popular, dissémos nós, inquirindo.

Mas o bondoso amigo dos artistas esquivou-se habilmente:

— Havia muito a dizer sobre êsse ponto, mas adiemos isso. Agora, o que nos ocupa é a nossa Casa — o lar comum.

— Muito lhe ficamos devendo, todos os que mourejamos por êsses tablados, que se os grandes... os ricos, quero dizer, — que o talento é quasi sempre pobre — dela não precisam, todos devem regosijar-se com o bem estar dos mais infelizes.

— Perdão, atalhou Luiz Pereira, apressadamente, o que eu fiz e faço não vale nada. E' ao Tristão que tudo se deve, é êle o paladino desta idéa. Foi êle que um dia veiu ter comigo, desiludido, descoroçoado, por se ver sósinho, a debater-se nesta luta gigante, e me disse: «Meu amigo, ando á procura de uma alma, para realizar o meu sonho. Eu dou todo o meu esfôrço, toda a minha vida, por esta idéa, mas falta-me essa coisa vil que tudo escravisa: o dinheiro». Eu, então, puz-me a seu lado e ofereci-lhe o primeiro beneficio em 21 de Janeiro de 1920, que ficou sendo o «dia dos artistas», isto é, o dia em que todos tinham que ceder os seus ordenados em prol desta instituição.

— E têm cumprido?

— Quando o Tristão não está em Lisboa, falta a iniciativa... e esquece a alguns.

— Decididamente, o Tristão é uma grande alma. E, veja lá você! Ele, que, sendo, aliás, um artista correctissimo, nunca passaria á posteridade, há de imortalizar-se, pelo coração, com mais firmeza, do que os seus colegas celebres. A sua memória há de ficar ligada á Casa Gil Vicente, que brotou do seu espirito idealista e bom, em que pese a certos zoilos invejosos e scepticos.

Mercedes Blasco

EXPEDIENTE

Aos nossos presados assinantes rogamos a fineza de nos comunicarem qualquer irregularidade na entrega em Lisboa feita por distribuidores, e qualquer erro que nos endereços aos que são servidos por intermedio do correio a fim de imediatamente providenciarmos.

N.º 1 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 12-8-921

O FEITIÇO

por CARLOS BABO

A taberna é um dos centros luminosos, ou pelo menos *espirituosos*, da educação social, que a nossa civilização atulhada de sciencias exactas improdutivas dá ao povo, em troca dos varios sentimentos que lhe enxapiu na alma.

José Agostinho podia ser sapateiro, pedreiro, carpinteiro, alfaiate, dar-lhe emfim para ser util de mil maneiras. Preferiu ser taberneiro.

— Boa idéa que eu tive, *ó Inácia!* — exclamava êle ás noites, na cama, ao lado da mulher, já de côto apagado, a respirar vapores de *Vale do Rio*. — Ganha-se, e, que diabo, ao menos sou um homem util á sociedade. Olha o *Pedro da Cacilda!* Se há comparação! Vê lá se já viste alguma coisa de util feita por aquela alimaria!

O *Pedro da Cacilda* era um marceneiro, mandrião como a preguiça, que se pegara de amores com a herdeira unica de um boticario rico.

Uma vez unido a ela pelo matrimonio, entrou, por via da abastança do sogro, com credenciais solidas no mundo dos negocios e filou todas as ajudas dessa atmosfera de crédito. Emquanto a desgraça heroica se desentranhava em sangue na tentativa frustrada da derrota do Touro, o *Pedro da Cacilda*, amesendou-se, de beiço colado á têta da vaca diabolica da Guerra, cambiou coração e miolos, arredondou-se em estomago, dispersou a alma em intestinos, comprou quintas, não para criar ou aproveitar energias, mas para expandir os arrôtos e fez baldear nos predios meia duzia de ourivesarias; — ali até os porcos comiam em pias de prata, as galinhas debicavam pérolas e os burros davam coices com cascos ferrados de ouro.

José Agostinho, entrando em comparação, gabava-se de ser, ao menos, util á sociedade. Eu direi antes, que venha o diabo e escolha, porque os dois estavam proscritos das utilidades morais e até das materiais.

A senhora *Inácia*, essa, optava pela riqueza *nova* e foigada do *Pedro da Cacilda*.

— Deixa lá! — dizia ela ao marido — toda a gente tem consideração por êle. E' o senhor Pedro p'rá'qui, é o senhor Comendador p'rácolá, é excelencia por baixo, excelencia por cima, e tu... és o «Zé da taberna». O dinheiro é tudo, meu amor. Tomara eu que o nosso *Frederico*, em vez de andar co'a mania das *escriturações*, lhe desse para arranjar uma boticaria rica e se metesse nos cambios! Ora!...

José Agostinho, que, no fundo, o que tinha era uma inveja danada, acabava por concordar sempre com a mulher, e adormecia, para sonhar toda a noite com o *Frederico*, dono das pérolas, do ouro, das pratas, das quintas, e até da mulher do *Pedro da Cacilda*, montado num elefante, a passear num grande jardim de um grande palacio... a ler as suas *escriturações*.

O leitor já adivinhou que as *escriturações* eram os livros do filho de *José Agostinho*. *Frederico*, desde muito novo, mostrara logo bossa para as letras. No exame do segundo grau os professores ficaram espantados. A maneira como êle vestiu os factos mais notaveis do reinado do Cardeal D. Henrique, fez dizer ao presidente do juri:

— E' impossivel que êste menino não tenha vindo de França!

E, chamando a atenção dos vogais:

— Vejam esta frase: Que mimo, que graça, que encanto! E tudo isto é verdade... a verdade pura! Mas, tão bem feita, tão bem lançada, num recorte tão fino, tão fino, que até parece... mentira!

Foi um delirio. Ficou distinto. *José Agostinho*, quando viu o resultado do exame, chorou de comoção, abraçado no filho. O juri cumprimentou o pai de *Frederico* e declarou solenemente:

— Senhor José, seu filho, êste menino que o senhor aqui vê, veiu de lá sem mesmo lá ter estado. Note bem: Este menino vai ser... Nós nem podemos dizer o que êle vai ser! Olhe, vai ser o que ainda não é, mas que já podia ser, se não tivesse de o ser.

O pai não quiz ouvir mais nada. Correu com o filho para casa, chamou a mulher em particular e disse-lhe:

— Sabes o que me disseram os professores?

A mulher olhava-o de bôca aberta e as mãos metidas em dois grandes bolsos do avental sebento.

— Os professores disseram-me que o nosso filho há de ser uma coisa nunca vista!

— Ah! Isso disseram êles?!

— Palavra! Já esteve por aqui a Ester?

— Não, mas deve estar perto. Porquê?

(Continua)

DAMIÃO & C.TA 57, Rua Garrett, 59
E' quem melhor veste as crianças

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

O chapeu-divorcio

Conheço um marido que requereu ha dias o divorcio por causa dum chapeu, dum banalissimo chapeu de côco, já um pouco amolgado na copa e deformado nas abas.

Pois é verdade: por causa dum chapeu, ele que tantas dezenas de chapeus de luxo oferecera á esposa sem jámais pensar em divorcio, acaba de separar-se definitivamente dela.

Ora se querem saber como um pedaço de feltro póde provocar uma scisão irreparavel num lar, façam favor de não fugir á leitura do que adeante vai.

O neo-divorciado é comerciante e tem cincoenta anos. A esposa abandonada tem apenas vinte e oito e uma aversão invensivel pelo comercio. Tem, além disto, um primo insignificante, lindo rapaz, honesto e discretissimo que costumava acompanhá-la assiduamente porque os negocios absorviam completamente o marido.

O conspicuo capitalista, confiante como as ingenuas de romance, nutria pelo companheiro dedicado da esposa, uma amizade tão solida como uma cabeça de preto.

De longe em longe um ou outro amigo, dizia-lhe na intimidade:

— Homem, olha que se repara! Não deves permitir que o primo de tua mulher ande sempre agarrado ás suas saias, Baltazar!

E o Baltazar, invariavelmente, passava a mão pela testa larga, desempenada e respondia:

— Tolices! Foram creados juntos. Está ali um belo exemplo de ternura familiar.

Ha coisa duma semana o Baltazar foi-se até á provincia tratar da vida. Na hora da partida trocou o côco por um chapeu móle, mais democratico, mais «touriste», abraçou a esposa e abalou.

Andou oito dias por longes terras.

E poz pé no Rocio ás zero horas duma noite abafada. Dirigiu-se a casa. Bateu, tornou a bater. Não lhe responderam.

— Coitada! Está pegada no sono — comentou. Não vale a pena alarmar a visinhança. Vamos até a um hotel.

E foi. Se tivesse voltado a cabeça, após quinze passos andados, teria visto um corpo humano saltar do primeiro andar do seu predio, e correr vertiginosamente rua acima levando na cabeça um chapeu de côco ás três pancadas.

Mas não voltou a cabeça. No dia seguinte regressou a penates, abraçou comovidamente a mulher, referiu-lhe o sucesso da vespera e observou-lhe risonho afagando-a no queixo:

— Tens um sono de pedra, meu amor.

—E' o sono das consciencias tranquilas, meu querido.

Almoçou. Ao preparar-se para sair, lançou mão do chapeu de côco. Mas o diabo do chapeu não lhe entrava na cabeça, limitando-se a bailar um «fox-trot» desenfreado.

—O' Idalina!

—Dize!

—Não queres vêr este fenomeno? Não me cabe a cabeça dentro do chapeu!

A D. Idalina, na impossibilidade de responder-lhe que o côco encolhera assustado pelos boatos de revolução, pronunciou semi-atrapalhada:

—Sempre tens cada coisa na cabeça!

E o Baltazar lutando como um Petersen para enterrar o chapeu:

—Naturalmente encolheu com o suor!

E após esta descoberta, beijou a D. Idalina e desapareceu no patamar.

Mas ao descer a soleira da porta esbarrou com o primo da esposa que o saudou com uma efusão comprometida.

Trazia um chapeu de côco enterrado até ás orelhas. Baltazar reconheceu a tampa da caçarola das suas ideias:

—Como diabo traz você o meu chapeu?

E o primo atrapalhadissimo:

—Pedi-o ontem á prima para mandar fazer um igual...

—Pois meu amigo, eu é que não estou disposto a mandar alargar o seu.

E foi direitinho a um advogado, pensando filosoficamente que um chapeu descobre muitas vezes, mais coisas do que uma cabeça...

Sarmento Duque

PELA VIDA BARATA

O comissariado dos abastecimentos, por intermedio dos armazens reguladores, decreta a abundancia de generos na nobre cidade de Lisboa

Chegaram a Lisboa 100 toneladas de azeite espanhol, que vai ser vendido a dois mil e quinhentos o litro

Em que o sr. tenente Canelhas, chefe da secção comercial dos abastecimentos, fala de arroz, manteiga, açucar e outros generos

Eu não sei se os leitores sabem que o Comissariado dos Abastecimentos é um comissariado eternamente ameaçado de demissão imediata. Vai desaparecer? Não vai? E, emquanto se discute vai ou não vai, êle humildemente lá continua desempenhando a sua missão sem artigos laudatorios e sem conquistar a simpatia do publico. Todos o vêem com olhares esquerdos. Quando se passa por S. Roque, há sempre um comentário acre, qualquer palavra que queima, que condena. O jornalista, no entanto, susutenta que o Comissariado dos Abastecimentos deve continuar, ou, pelo menos, algumas das suas repartições.

A carestia da vida — para que não dizê-lo? — atenuou-se um pouco. As donas de casa sabem onde podem comprar a manteiga, o açucar, o azeite, o arroz e o feijão mais barato. Vão aos armazens reguladores, umas lojas modestas, escondidas em cada bairro, e, aí, esperando uma hora, talvez duas, conseguem adquirir, por metade do preço, muitos dêsses generos raros que se vendem por aí a pêso de ouro.

A carestia da vida! Mas não existe, senhores!

Querem ouvir o que hoje nos disse o tenente Canelhas, chefe da secção comercial do Comissariado dos Abastecimentos? E', com um vosso assentimento, que êle vai falar:

— Temos dôze armazens reguladores já a funcionar e vamos crear mais trinta...

— Que serão distribuidos por todo o paiz, não?

— Não! Não! Serão instalados em Lisboa e nos suburbios. A sua missão...

A campainha do telefone retiniu. Uma menina, que dactilografava, trata de guias pelo auscultador. Depois, o sr. tenente deu uma indicação; falou-se ainda de um milhão de sacos de papel para empacotar arroz, e a conversa seguiu com uma objecção do jornalista:

— Quanto é que faz cada armazem por dia?

— Varia, varia muito.

Um instante de hesitação, em que havia um gesto, um gesto vago:

— Ao princ'pio, dois contos; agora, um conto e quinhentos, aproximadamente.

— V. ex.ª desculpe. O telefone cortou-lhe a palavra; iamos em missão...

— Ah! A missão dos armazens reguladores não é ganhar dinheiro, como se julga, mas embaratecer o custo da vida.

— Temos Lisboa abastecida?

— Temos.

— Seguramente?

— Olhe: há pouco chegaram 70 toneladas de azeite espanhol, que foram logo distribuidas pelos armazens reguladores.

— Mas desapareceu?

— Vendeu-se todo. Não receamos, no entanto, que êle falte. Chegaram-nos ainda há três dias mais 100 toneladas de um magnifico azeite espanhol...

— Que será vendido...

— A dois mil e quinhentos.

— E nas mercearias?

— E' sempre mais caro. Parece-me que se vende a três mil réis.

— E arroz?

— Tambem temos arroz. Agora vende-mo-lo com um pouco de prejuizo. Mas a missão dos armazens reguladores, como lhe disse, é embaratecer o custo dos generos.

— E açucar? E feijão? E manteiga?

— Temos de tudo. Lisboa está abastecida de generos, não digo copiosamente, mas, pelo menos, regularmente.

— A receita dos armazens reguladores dá para a sua despesa?

— Equilibra-se.

E, como o sr. tenente Canelhas se tivesse mostrado um pouco dificil em conceder-nos êstes curiosos informes, dissémos:

— Era isto o que queriamos saber. Os antigos escandalos que aqui se deram e que constam de preciosos e volumosos processos apensos á pessoa do sr. Eduardo de Sousa, não nos interessam por agora, sr. tenente. A's ordens de v. ex.ª, pois.

OS DOENTES DE ESPIRITO

APARECEM ALGUNS CASOS DE LOUCURA MISTICA NOS QUARTEIS DA GUARDA REPUBLICANA

Dois homens atacados de lipe-mania religiosa — Um viu aparecer Nossa Senhora, toda vestida de branco, e esteve a falar com ela

Casos de loucura mística na Guarda Republicana? Foi uma revelação interessante, que há dias nos fez um dos medicos mais distintos daquela corporação, e que nos apressamos a transmitir aos leitores do *Diario de Lisboa*. A Guarda Republicana é, porventura, a agremiação militar que devia estar menos sujeita ao aparecimento de casos de lipe-mania religiosa, pela propria natureza da sua constituição. Dentro dos quarteis já não é professada a religião catolica, o que devia contribuir para a diminuição de casos misticos, muito frequentes entre nós no tempo em que as ordens religiosas viviam em Portugal sob a protecção da lei.

Sucede, no entanto, que o recrutamento de soldados para a Guarda Republicana vai arrancar, muitas vezes, a terras da provincia onde a religião conserva ainda a sua antiga pureza, homens que frequentam a igreja e ajudam á missa ao padre da aldeia. Assim se explica que tenham aparecido ultimamente á junta de saude do Quartel do Carmo, alguns casos de lipe-mania religiosa perfeitamente caracterisados: Há pouco tempo ainda foi um cabo daquela corporação que, depois de ter praticado alguns desacatos na sua companhia, recolheu á prisão, onde recebeu a visita do medico de serviço. Quando o doutor abriu a porta do carcere e se aproximou do doente, este caiu de joelhos e de mãos postas, ficou-se a resar diante do medico.

—Tu não me conheces?

—Conheço muito bem. E' Nosso Senhor que desceu do ceu á terra..

Este cabo compareceu depois perante a junta de saude e foi reformado por não convir ao serviço com a sua mania religiosa. Há dias, apareceu outro caso no Quartel do Carmo. Desta vez foi um soldado do batalhão de Alcantara, que declarou aos medicos que tinha visto aparecer Nossa Senhora, toda vestida de branco, e que tinha estado durante algum tempo a conversar com a Virgem. E, reforçando a sua afirmação, acrescentou com o modo mais natural déste mundo:

—Ontem apareceu-me outra vez Nossa Senhora na rua do Ouro. Trazia um vestido côr de rosa e disse-me que fosse assistir á missa por alma de Sidonio Pais.

Segundo a opinião do medico que forneceu ao «Diario de Lisboa» estes preciosos esclarecimentos, é natural que este soldado tenha sido aliciado para entrar nalgum *complot* sidonista, tendo-lhe nascido dahi a mania religiosa. A senhora com vestido côr de rosa que ele encontrou na rua do Ouro podia muito bem ser qualquer leitora gentil do «Diario de Lisboa», que até o proprio Diabo em carne e osso tomaria pela Virgem Nossa Senhora.

As conferencias de hoje

O presidente do ministerio conferenciou com os srs. Inocencio Camacho, Bento Mantua, Moura Pinto, Ferreira da Rocha, Belchior de Figueido e ministro da agricultura

Realizou-se hoje uma demorada conferencia entre o sr. presidente do ministerio e os srs. Inocencio Camacho, governador do Banco de Portugal; Bento Mantua, chefe da 1.ª repartição da direcção geral da fazenda publica; dr. Moura Pinto, Ferreira da Rocha e Belchior de Figueiredo. Depois realizou-se outra conferencia entre o sr. Barros Queiroz e os srs. ministro da agricultura e comissario geral interino dos abastecimentos, e por fim, o ex-ministro do comercio sr. dr. Antonio Granjo conferenciou com o chefe do governo.

Escola de Belas Artes

O provimento da 15.ª cadeira

O sr. João Pereira Martins de Lemos foi nomeado professor da 15.ª cadeira da Escola de Belas Artes de Lisboa.

BIBLIOTECA NACIONAL

A chefia dos serviços administrativos

O Antonio Augusto Ferreira de Macedo foi provido definitivamente no cargo de chefe de divisão dos serviços administrativos da Biblioteca Nacional.

As festas a Latino Coelho

A exposição pecuaria de Sintra

O sr. ministro da agricultura concedeu 150$00 para premios da exposição pecuaria que se realiza em Sintra em 27, 28 e 29 do corrente.

DA ARCADA

Parte na proxima segunda-feira para o norte, no goso de 60 dias de licença, o sr. dr. Antonio Rica, chefe do gabinete do sr. ministro da agricultura. Tambem segue para o norte o engenheiro agronomo sr. Melo e Sabo, secretario do mesmo ministro, e apresentaram-se ao serviço os secretarios srs. Alfaro Cardoso e alferes Calisto Morgado.

"DIARIO DE LISBOA"

Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril.

A CIDADE

O PARLAMENTO PELO TELEFONE

O SR. JORGE NUNES RESIGNARÁ O CARGO DE PRESIDENTE DA CAMARA DOS DEPUTADOS?

O que se passará com a discussão da proposta de lei que extingue os armazens alfandegarios nos pontos onde entram os vinhos licorosos?

Se as disposições de trabalho forem as mesmas de ontem, a sessão de hoje deve ser proveitosa. Para *ordem do dia* está marcada, ainda em trabalhos prorrogados, a discussão, na especialidade, da proposta de lei que extingue os armazens alfandegarios nos pontos onde entram os vinhos chamados licorosos. Trata-se como que de um complemento ás providencias votadas ontem em favor da região duriense e nos grupos oposicionistas há muito quem as defenda.

Em virtude da quasi geral unidade de vistas da Camara em se adoptarem rápidas medidas proficuas para a viticultura, é natural que a proposta dada para *ordem do dia* não seja prejudicada com outro qualquer assunto. No entanto, como raramente se dominam os impetos da politica relativa, ninguem dá por seguro que as coisas sigam o melhor caminho.

Diz um jornal da manhã de hoje que o presidente da Camara, sr. Jorge Nunes, se encontra descontente com a forma tumultuaria como as sessões decorrem. E' pena, mas é certo. O sr. Jorge Nunes está deveras aborrecido e talvez deponha o seu mandato, porque não o fadou Deus para mestre em escola de meninos malcreados. A'parte algumas figuras que sabem conduzir-se, os restantes membros desta assembleia, donde bom era que saissem exemplos de disciplina e compostura, portam-se de tal maneira, que desgostam quem se vê na contingencia de ter que os aturar. E, como «obrigação é de carrasco», o sr. Jorge Nunes antes quere estar no seu «fauteuil» de deputado.

E' coisa assente que o Parlamento não encerrará as suas portas antes da segunda quinzena dêste mês, por haver trabalhos pouco susceptiveis de se poderem adiar. Alèm dos duodecimos, há as questões dos trigos e dos milicianos, que, certamente, entrarão em debate depois de realizadas algumas das anunciadas interpelações. Estas, a diversos membros do governo, são em numero superior a uma duzia.

Vamos lá, que hoje, á hora regimental, já se encontram no hemiciclo nada menos de oito membros da Camara. Talvez seja por estar aqui mais fresco do que na rua. Lá fora sente-se muito calor.

Taxa militar

Acha-se patente na repartição de finanças do 1.º e 2.º bairros fiscais (em S. Vicente) desde 16 a 31 do corrente mês, para efeitos de reclamação, o mapa de lançamento de taxa militar do ano de 1920 e adicionamentos dos anos de 1917, 1918 e 1919 dos individuos abrangidos pelos decretos n.ºs 2.406 e 2.407.

As reclamações escritas em papel selado serão entregues nas referidas repartições, dentro daquele prazo, findo o qual só serão admitidas por motivos supervenientes.

O pagamento efectua-se durante o proximo mês de Setembro e para o futuro impreterivelmente no mês de Janeiro.

Malas postais

Por via Algeciras e Gibraltar, são ámanhã expedidas malas postais para a ilha de Timor, sendo a ultima tiragem da correspondencia, da caixa geral, ás 17 horas.

VIDA TEATRAL

Em "tournée" artistica, partiu hoje de manhã para a cidade de Santarem a companhia dramatica Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro

Esta noite representará no teatro Rosa Damasceno, daquela cidade, a peça dos Quinteros intitulada "Marianela"

O que se dizia ontem nos meios artisticos—Como receberão as plateias da provincia a companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro

Tendo terminado o periodo dos seus espectaculos em S. Carlos, tomou esta manhã o caminho da provincia portuguesa a portuguesissima companhia teatral de D. Amelia Rey Colaço, Robles Monteiro, Henrique de Albuquerque e outros elementos de equilibrado valor. E' a primeira vez que os dois artistas distintissimos, que estão á frente dessa companhia, experimentam a sensação da provincia, em «tournée» artistica, tão sujeita a contingencias.

A proposito recordava-se ontem nos meios onde se discute arte, mais do que apenas teatro, no insucesso material da companhia em questão, e que em S. Carlos deu um estranho e carinhoso relêvo de arte a duas peças portuguesas, «Entre Giestas» e «Sedutores», esta ultima de menos êxito artistico, mas ambas representadas com notavel rigor e propriedade. A tenacidade dos dois estimadissimos artistas, que são D. Amelia Rey Colaço e seu marido, aventurando-se a um ciclo de espectaculos em várias cidades, onde nunca foram nem têm publico, era comentado com manifesta e unanime simpatia, e admiração até, nas redacções de jornal e nos centros de cavaco.

A primeira cidade onde a companhia se dirige é Santarem. Esta noite, no teatro Rosa Damasceno, representa-se a «Marianela», dos Quintero, e que, tendo constituido um assinalado êxito espiritual e artistico, deu ao publico de Lisboa a estreia sensacional da actriz, que é já hoje, apesar de jovem, uma das glórias da scena portuguesa.

Como receberá a plateia da cidade scalabitana a interessantissima actriz, cujo talento tem estranhas modalidades, que podem surpreender agradavelmente a população seleccionada, mas podem tambem, neste ou naquele detalhe, impressionar pela forma vibratil, como, por exemplo, em certas scenas da «Zilda»? Que louros de arte recolherão os dois artistas segurissimos, que são Robles Monteiro e Henrique de Albuquerque? O certo é que para a actriz moderna e estudiosa, habituada já ao ambiente das plateias de Berlim, Paris e Madrid, que é a creadora da «Marianela», o espectaculo de hoje, no teatro que tem o nome da gloriosissima actriz, voz de ouro e alma de iluminada que foi Rosa Damasceno, não deixa de ser um espectaculo «á sensation». Por sua vez, que pensará o publico de Santarem da «troupe» que visita a cidade? Encher-se-há a casa nas três noites? Corresponderá a receita material aos esforços, ao merecimento e á rasgada decisão da «tournée»?

A' partida, estiveram na estação do Rocio a despedir-se, as familias dos artistas da companhia, entre as quais a familia Rey Colaço. A hora matutina da partida impediu que muitas individualidades das letras, do teatro e do jornalismo fizessem as suas despedidas aos distintissimos artistas. Na mesma carruagem seguiram D. Amelia Rey Colaço, seu marido Robles Monteiro, e o actor Henrique de Albuquerque. O «Diario de Lisboa» faz os mais ardentes votos para que a «tournée» seja coroada do êxito absoluto a que tem direito, tanto em Santarem, como nas Caldas, no Porto e nas outras cidades do paiz.

Além-mar

Dois projectos para que o governador de Macau pede a aprovação

O governador de Macau submeteu a aprovação superior os seguintes projectos de portaria:

«Não é autorizada a transferencia a estrangeiros de navios mercantes nacionais registados na capitania dos portos de Macau e empregados na navegação de grande e pequena cabotagem da provincia sem previo despacho do governador sobre requerimentos dos interessados sem informação das repartições competentes.

«Quando por qualquer motivo se tenha dado vagas em alguns grupos ou disciplinas professadas no liceu e se tenha aberto para o seu preenchimento concurso para professores primarios, nos termos legais, e êste tenha ficado deserto ou quando haja prejuizo para a instrução em referendar o preenchimento das vagas por meio de concurso, pode o governador, sob proposta do reitor e ouvido o respectivo conselho, nomear professores interinos para o mesmo liceu, que serão substituidos logo que se apresentem os professores efectivos.

Um apelo ao alto comissario em Angola

O alto comissario em Angola fez um apelo ás associações comerciais da provincia, para que promovam por todos os meios fazer baratear a vida naquela colonia, pois a continuar assim a gravissimos perigos ficará exposta a referida provincia, e mesmo para não se ver obrigado a tomar quaisquer medidas que limitem a ampla e franca liberdade do comercio:

EM CABO VERDE

165 contos para varias obras

Foi autorizada a quantia de 145 contos para várias obras na provincia de Cabo Verde e mais 20 contos para a transformação do antigo quartel em S. Vicente, num edificio destinado aos correios e telegrafos.

Extinção de logares

O governo de Cabo Verde, como medida economica, extinguiu os logares de serventuario das delegações e postos de saude da provincia, resultando uma economia de 25:185$00.

As eleições em Cabo Verde

Não ha ainda noticias oficiais

Nas estações oficiaes ainda não se recebeu telegrama algum de Cabo Verde, sobre o resultado das eleições ali efectuadas, mas sim telegramas particulares que dão como eleitos os candidatos noticiados.

Notas Mundanas

Veraneios elegantes

Figueira da Foz, 11 de Agosto

Meu caro Vasconcelos e Sá—Começo por lhe pedir desculpa do meu silencio, que foi motivado por afazeres inesperados que me obrigaram a sair da Figueira, onde acabo de chegar, depois de ter suportado os maiores calores que você pode imaginar. Mas vamos ao assunto que se trata, dar seguimento ás informações que lhe prometi desta linda e encantadora praia de Portugal, a praia que ha anos, vem batendo o «record» da animação.

Na minha ultima carta, dei o programa das festas a que chamo oficiais, como são as corridas de touros, campeonatos de «tennis», recitas, torneios de bola, e concurso hipico, que, como disse, se realiza nos dias 6, 8, 10 e 12 do proximo mês, sendo as provas a realizar as seguintes: primeiro dia, «Lusitania» (Omnium) civil-militar; segundo dia, «Alter» (Nacional), civil-militar, e «Amazonas»; terceiro dia, «Grande premio da Figueira», civil-militar e «Discipulos» e quarto dia, «Caça», civil-militar e «Taça Xavier de Almeida», civil-militar. O programa dêste ano é esplendidor estando o tenente sr. Manual Latino, coadjuvado pelo «comité» da Figueira, trabalhando com toda a actividade para que o concurso revista um desusado brilhantismo, superior ao do ano passado.

Deixemos as festas oficiais e vamos ás particulares, que se realizam no mes de Outubro, cujo programa é este ano verdadeiramente sensacional, constando-me que estão em projecto varios «pic-nics», nas quintas dos arredores, almoços no Tennis Club, varios chás á americana, uma recita no solar de uns ilustres titulares, nos arredores da Figueira, onde ha anos se realizou uma festa verdadeiramente interessante, um magusto na esplendida quinta do Viso, propriedade da sr.ª D. Maria do Loreto de Borja Trindade, e uma garraiada, seguida de jantar, na vasta propriedade de Foja, organizada por um dos seus proprietarios.

Como vê o meu caaro Vasconcelos e Sá, o programa é magnifico e decerto atrairá á sua Figueira, grande concorrencia. Até breve.

Mario

P. S.—Já depois de escrita esta carta, sou informado que se pensa levar a efeito uma festa de homenagem á saudosa titular sr. condessa de Vinhó e Almedina, que a morte nos roubou na força da vida. Vou informar-me convenientemen e e depois comunicarei.—Mario.

Exames

Fez ontem um brilhante exame de admissão ao curso dos liceus a menina Maria Acacia do Patrocinio Costa, gentilissima sobrinha da sr.ª D. Maria Genoveva Sousa Neto.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.ªs:

Condessa de Brandolin, D. Helena Garcez Ferreira Pinto Basto, D. Francisca de Figueiredo Cabral da Camara (Belmonte), D. Izabel Valado Barbedo Pinto, D. Maria da Cunha Pimentel de Vasconcelos, D. Luiza Maria Salema de Avilez, D. Emilia Sellés y Rivas, D. Maria João Brito Osorio da Rocha e Melo e D. Leopoldina de Barros Lima.

E os srs.:

Francisco Maria da Camara, D. Eugenio de Sousa Coutinho de Mendia, dr. Carlos da Silva e Oliveira, dr. José Alberto de Faria, Frederico Navarro Hogan, Sebastião de Oliveira, José Manuel Pinto (Sacavem), José Bento Otolini Travassos Valdez (Bonfim) e Frederico Manuel da Ponte Horta Gavazzo da Nobrega de Lima.

Em viagem

Partiram hoje para o Bussaco, no rapido, o sr. Francisco Danin Lobo e sua esposa a sr.ª D. Alice Moreira de Carvalho Danin Lobo.

—Na praia da Granja encontram-se já os srs. condes da Figueira.

—Com sua esposa a sr.ª D. Graziela Gomes, está em Cascais, o sr. João Gomes.

—A'manhã partem para as Caldas da Rainha, com seu filho D. Antonio, os srs. condes de Castelo Mendo.

—Acompanhada de sua gentil filha D. Leonor e de seu filho José, está em Cintra, a sr.ª viscondessa dos Olivais.

—Parte ámanhã para a Quinta dos Freixos, em Colares, a sr.ª D. Amalia de Brito Capelo.

—Regressou do Alvito a Lisboa, com seu sogro o sr. dr. Lopes Tavares, e sua esposa a sr.ª D. Palmira Lopes Tavares Lobo da Silveira (Alvito), o sr. D. Antonio Lobo da Silveira (Alvito).

—Está no Mont'Estoril, hospeda de seus primos a sr.ª D. Guiomar Maria de Laxman Ferreira Pinto Basto de Sousa Meneses e do sr. D. Simão de Saldanha de Sousa e Menezes, a sr.ª condessa da Castanheira.

—Amanhã parte para as Caldas da Rainha o sr. José Iglezias da Silveira Viana.

—A fim de ir buscar sua esposa a sr.ª D. Celeste Jardim Anjos e sua gentil filha, parte brevemente de Cintra para Pau, França, o sr. Fernando Munró dos Anjos.

—Tem estado no solar de Vila Nova Gaia, hospeda de sua filha a sr.ª D. Olga Ferreira Pinto Basto de Lencastre e de seu genro o sr. Adriano de Lencastre, a sr.ª D. Alice Ferreira Pinto, que dai seguirá para Vidago.

NEURASTENIA
Hidroterapia—Electroterapia
ESTORIL—TERMAS

GOTA
Tratamento hidro-mineral—Lamas radio-activas—Mecanoterapia
ESTORIL — TERMAS

PROVINCIAS

Em Obidos

Falecimento

Obidos, 10

Faleceu hoje, pelas 11 horas, o sr. José Paulo Garcia da Costa Penucho, secretario aposentado da administração deste concelho, musico muito distinto e cantor, deixando grande variedade de musicas da sua autoria. A sua morte foi muito sentida, apesar dos seus 82 Janeiros feitos, tendo sido aqui sempre muito estimado por toda a gente.

A' sua ilustre familia, os nossos sentidos pezames.

Empregados da administração

Ainda não foi pago aos empregados da administração deste concelho a ajuda de custo de vida relativa aos mêses de Junho e Julho.

Ao sr. ministro do Interior se pedem providencias.

No Fundão

A falta de agua

Fundão, 11

Por questão de agua de regadia, o povo das freguesias de Alcongosta e Donas, deste concelho, tocaram os sinos a rebate, envolvendo-se em desordem.

Comparecendo ali uma patrulha da guarda republicana do posto desta vila, que foi recebida á pedrada, tendo que retirar.

Ontem foi para ali uma força da guarda republicana para manter a ordem, capturando alguns individuos da freguesia de Alcongosta, como autores da agressão á guarda republicana.

Ficou mantida a ordem.

Em Murtosa

Julgamento

Murtosa, 11

Terminou ontem o julgamento, no tribunal desta comarca (Estarreja), dos assassinos do «Sapatinho». Dois deles foram condenados em 25 anos de degredo e os dois restantes em dois anos de prisão correccional e todos na indemnização de 1.000 escudos á viuva do assassinado.

Creche da Murtosa

Como estava marcado, realizou-se ontem, pelas 16 horas, a inauguração da creche com uma sessão solene, presidida pelo sr. dr. Araujo e Castro, secretariado pelos srs. Alipio Portugal e Joaquim T. Gravato. Falaram os srs. padre Manuel R. Vieira, professor do Liceu de Aveiro, padre Donaciano e padre Silva Carneiro, que preleccionaram sobre o catolicismo e a caridade, fechando os discursos o iniciador desta bela obra de beneficencia, o sr. José Maria Barbosa, sendo os oradores muito aplaudidos.

Para administrar a creche foram escolhidas as sr.as D. M. Custodia de Almeida Maia, D. Lidia Lopes da Cunha e D. Deolinda Cardoso e os srs. José Maria Barbosa, Joaquim Gravato e Manuel Gravato.

Em Coimbra

Morte por desastre

Coimbra, 11

Esta madrugada caiu do comboio correio de Lisboa, á linha, Antonio Cubêdo Ribeiro, natural de Monsão. O desastre deu-se perto do apeadeiro da Bemcanta, indo bater de encontro ao cais, ficando com o craneo esmagado. A pobre vitima havia-se encostado á portinhola da carruagem, que não se encontrava fechada. Devia seguir dentro em breve para o Brasil, pois tinha ido a Lisboa para regularizar o seu passaporte. A' hora a que escrevemos ainda o cadaver se encontra no local do desastre, pois ora se afirma que ele deve ser entregue á policia ora á C. P.

Praias e termas

Começou já a debandada para as praias e termas.

Rapto

Foram presos nesta cidade, a pedido da autoridade de Cantanhede, Antonio de Figueiredo, de Fornos de Algodres, que havia seduzido uma donzela daquele concelho, e esta que o acompanhava e que da casa paterna havia trazido alguns objectos e roupa

Matricula no liceu

A matricula no licen José Falcão efectua-se de 10 a 15 de setembro.

Sem assistencia medica

No momento em que entrava em casa, no Toveiro do Meio, suburbios desta cidade, morreu instantaneamente o trabalhador Bernardo dos Santos. O seu cadaver deu entrada na Morgue.

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRIPTORIO FORENSE

R. do Carmo, 35, 2.º

N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

GARANTIA

Companhia de Seguros

Fundada em 1853 — Sede no PORTO

(Edificio proprio)

Sinistros pagos até 31 de Maio de 1921

Esc. 7.973.798$76,3

Capital — MIL CONTOS

(Inteiramente realizado)

EFECTUA SEGUROS:

Terrestres,
Agricolas,
Industriais,
de automoveis,
Trespasses,
Maritimos e de minas
—Seguros de vida—

AGENTES:

José Henriques Totta, Ld.a

Banqueiros

Lisboa — Telef. 533 e 1589-C

DIA RELIGIOSO

A'MANHÃ—Resa-se da vigilia da Assunção de Nossa Senhora, anticipa, sem jejum, de feria, paramentos roxos na missa sem gloria; 2.ª oração, S. Hipolito, 3.ª oração Deus qui corda, sem Credo, e prefacio delomem et in fim Ben Dño.

LAUSPERENE: Na capela do Coração de Jesus, na rua Renato Baptista, (aos Anjos).

FESTIVIDADES:

Sé, ás 11, còro; ás 12, missa e vesperas.

S. Roque, ás 8 1|2, missa.

Bom Sucesso, ás 11 horas, reposição do Sagrado Lausperene, com missa solene, por musica.

Capela de Coração de Jesus, ás 11,30 horas, exposição do SS.mo em Lausperene, com missa solene, por musica; ás 18,30 horas, terços de bemditos, por musica.

Na capela da Senhora da Conceição, da ex.ma sr.ª D. Mariana Ferrão, em Paço de Arcos, ha missas dos dias 14 e 15 ás 8,30 e 11,30 horas.

Na segunda-feira, 15, é dia santo de guarda para a Igreja catolica, por ser dia de Assunção Nossa Senhora.

Os catolicos são obrigados a ir á missa e a abster-se de obras servis como se fosse domingo.

OBESIDADE

Tratamento pelos agentes fisicos

ESTORIL — TERMAS

S. I. C.

Os melhores chocolates, cacaus, bonbons e drops

Pedir sempre os chocolates

S. I. C.

SAPATARIA SECULO XX

R. Nova do Almada, 63

Grande sortimento a preços modicos

PIQUETE NOCTURNO DE ELECTRICISTAS

CHAMADAS URGENTES

Sucursal de «O SECULO» (Rocio)

Telefone, 2:429 C. Pessoal da CASA RUBI

Chegwin, Moura & C.a L.da

CASA BANCARIA

103, Rua Aurea, 105

DEPOSITOS	Ordem	3 meses	6 meses	12 meses
	4 1	2 0	0	5 0	0	6 0	0	7 0	0

Correspondentes em todo o pais e estrangeiro. Saques, ordens de bolsa, transferencias e todas as operações de banco em geral

Telegramas «TOM» Telefone Central 3033

103, RUA AUREA, 105

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

LISBOA — Rua do Ouro, 18, 24

PORTO — Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Depositos á ordem e a prazo
Contas correntes em moeda nacional e estrangeira
Saques sobre o paiz e estrangeiro
Descontos e transferencias
Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

Termas das Caldas de Canavezes

(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)

CONDUÇAO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS

As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc.

ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO

Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande Hotel—Parque, casino, mata e passeios no rio—Excelente de vistas deslumbrantes—Iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO.

Endereço telegrafico — CALVEZES-MARCO

Escritorios: (Nas termas. (Em Lisboa — R. de S. Nicolau, 88, 2.º

DAMIÃO & C.TA 57, Rua Garrett, 59

E' quem melhor veste as crianças

NO ESTRANGEIRO

A GUERRA NO ORIENTE

ROMANOS, O ANTIGO MINISTRO DA GRECIA EM PARIS, ESCREVE UM ARTIGO NO "MATIN"

A Grecia, com uma população de cinco milhões de habitantes, tem em campanha mais de 20.000 homens

"SÓ PEDIMOS QUE NOS DEIXEM REGULAR AS NOSSAS QUESTÕES COM A TURQUIA"

Romanos, que foi durante dez anos ministro da Grecia em Paris, recentemente chegado de Smirna a esta cidade, escreveu para o jornal francês o *Matin* o artigo seguinte:

«Chego da Asia Menor; assisti em Smirna aos acontecimentos de 1 de Março, data em que se espalhou a noticia da retirada grega. Depois, durante tres meses segui o esforço imenso desenvolvido para aumentar os nossos contingentes pela chamada de novas classes, e para completar o nosso material de guerra em preparação para a ofensiva.

Vi desembarcar diariamente canhões, metralhadoras, munições e aviões que eram dirigidos depois em caminho de ferro para Ouchak.

Posto completamente de lado pelos governantes actuais, não tenho intenção de fazer politica mas simplesmente de expôr alguns assuntos muito simples, apoiando-me no que sei e no que observei com os meus olhos.

Com uma população de 5 milhões de habitantes a Grecia tem em campanha um exercito de mais de 200.000 homens, dos quais estão muitos mobilisados desde 1912.

Servem neste exercito 40.000 gregos da Asia Menor: sabem que se, por impossivel, fossem obrigados a reembarcar, de aí resultaria a morte, o exilio, a miseria para um milhão dos seus compatriotas. Sabem tambem que fomos a Smirna em 15 de Maio de 1919 para responder ao convite formal dos aliados e que, se têm de defender um territorio muito superior ao que nos foi reconhecido pelo tratado de Sévres, assinado pelas potencias, este suplemento de esforço foi-nos igualmente exigido pelos aliados.

As populações da Asia Menor conservam-se tranquilas.

Não pode supôr-se, por um instante, que o exercito grego, que acaba de obter brilhantes vitorias na Asia Menor, a evacuará. A conduta dos turcos em Ailin e Nasli nas costas e mais recentemente em Samsoun, mostra o que se passaria se fraquejassemos. E' possivel que sejamos batidos? Considero esta hipotese inadmissivel. O exercito kemalista deu uma prova evidente da sua fraqueza não se atrevendo, desde abril até junho, a atacar o exercito grego e deixando-lhe todo o tempo preciso para se reorganizar e reforçar. Não é depois das derrotas recentes que ele poderá pôr-nos em perigo.

Não tenho que concluir, visto que tudo que nós pedimos é que nos deixem regular nós proprios as nossas questões com a Turquia. Mas se as potencias que vão evocar a questão da Asia Menor no proximo Conselho Supremo procuram uma solução que ponha fim a uma guerra deploravel, convimos—essa solução não é admissivel se não assegurar não só a propriedade, mas a completa independencia dos cristãos da Asia Menor.

Só a Grecia, com a autoridade que exerce nas populações da mesma raça, com o seu exercito e os seus funcionarios, pode assumir a administração daquela região com a certeza de lá restabelecer a paz.

Redução de impostos

NEW YORK, 12.

As reduções nas despesas permitirão aos Estados Unidos reduzir os impostos em seis centos milhões de dollars.—(U. P.)

UM EXEMPLO DE FILANTROPIA

A Europa resolveu matar a fome á Russia, com o sentido de lhe extraír mais tarde juro e capital

A Alemanha e a Inglaterra pretendem dominar a politica dos "soviets", para prepararem uma evolução favoravel á instalação dos seus interesses

Não há duvidas que a crise pavorosa da Russia encontrou em todos os paizes que rápidamente lhe enviaram o que mais tinham á mão—pois o tempo não sobrou para a esta hora já terem chegado viveres á Russia—um éco que continuará desenvolvendo e alargando a sua acção até debelar, quanto possivel, tão terrivel mal.

A Noruega já lhe enviou um navio com 27:000 libras de peixe salgado, a Cruz Vermelha alemã trabalha activamente, assim como o governo francez, inglez e americano e as mais importantes associações humanitárias.

A fome será, portanto, vencida tão depressa quanto as circunstancias o permitirem. Mas este humanitário exemplo não passa sem comentários. Se exceptuarmos a America, que tem analizado sempre o lado justo das questões e seguido a justiça sem cuidar de interesses mesquinhos, mesmo as principaes nações que agora vão socorrer a Russia, entrar nela com a intenção de retirarem da sua exploração futura, um capital e uns juros que valem bem o empréstimo monetário.

Não somos nós quem diz que o auxilio que a França, a Inglaterra e a Alemanha prestam á Russia é uma exploração; são eles mesmo. O artigo editorial do «Matin», tem este titulo: «As riquezas da Russia. A Inglaterra e a Alemanha estão de acôrdo para a explorar. E a França?»

E o artigo desenvolvendo, dá explicações ácêrca da acção da Inglaterra e da Alemanha na Russia, para dominarem a politica governamental dos «soviets», e para prepararem uma evolução favorável á instalação dos seus interesses.

E não falta com argumentos para provar esta infiltração, que,—podemos bem supô-lo—não tratou de estabilizar ou de organizar o governo russo, mas de o enfraquecer e desorientar para mais facilmente poderem assentar arraiaes no povo vencido.

A politica anti-polaca britanica provém do acôrdo entre a Inglaterra e a Alemanha na exploração da Russia, completando-se mutuamente, pois a Inglaterra não tem pessoal especialista e com conhecimentos técnicos da Russia, o que a Alemanha possue e com plena capacidade.

Krassine, hoje personagem importante na distribuição de viveres, foi engenheiro ao serviço de Stinnes; e o intermediário entre os banqueiros alemães, Stinnes e Landan.

A Alemanha concluiu com a Russia um tratado análogo ao da Inglaterra, de acôrdo com os representantes da industria alemã e ingleza em Londres, Inglaterra e Moscou. «O território russo foi dividido em três zonas de exploração: A Siberia para o Japão, a Russia central para a Inglaterra e a Russia Meridional para a Alemanha, ajudada pelo capital inglez».

«E a França?» pregunta o «Matin».

«Resta saber se a acção americana, á qual o sr. Briand acaba de se aliar oficialmente, não deitará por terra tão belos projectos».

Resta saber, dizemos nós, mas é se a America, que em tudo tem mostrado o maior senso prático, aliado á mais elevada concepção de justiça permitirá que as potencias vitoriosas vão dar largas ás aspirações imperialistas sobre a águia moribunda, exigindo em troca dum pouco de ar momentaneo uma contribuição pelos tempos fóra, disfarçada ou não, que fará convergir para os seus cofres todos os interesses da futura prosperidade russa.

AS OPERAÇÕES EM MARROCOS

O general Navarro e alguns oficiais caíram em poder dos mouros?

A posição ocupada em Mont Arruit foi assaltado de surpreza por numerosas forças marroquinas — Só se salvaram sete soldados e onze oficiais

MADRID, 12.—O general Navarro, que se estava defendendo em Mont Arruit com um punhado de valentes, viu-se forçado a suspender as hostilidades e entrar em negociações com os chefes mouros. Durante a suspensão das hosfilidades e emquanto conversava com os chefes marroquinos, a posição foi assaltada de surpreza por forças numerosissimas, salvando-se apenas sete soldados e onze oficiais. O general Navarro e os oficiais que o acompanhavam foram cercados pelos chefes marroquinos com quem conversavam, que os defenderam de qualquer agressão.—(R)

Trinta ingleses alistam-se na legião estrangeira

MELILLA, 12.—Os mouros emboscados no Gnrugù atacam todos os comboios de reabastecimentos.

Alistaram-se na legião estrangeira trinta snbditos ingleses.

Têm-se inscrito na legação espanhola em Londres numerosos espanhois que vêm para a metropole para depois seguirem para a guerra.—(R.)

Em Melilla estão concentrados trinta mil espanhois

MELILLA, 12.—Diz-se que o inimigo se concentra em varios pontos, e que as forças espanholas em Melilla se calculem em desoito mil homens com mais dose mil de reforços recebidos.—(R.)

A PAZ MUNDIAL

ESTAR-SE-HA NA PERSPECTIVA DE UMA GUERRA ENTRE O JAPÃO E OS ESTADOS UNIDOS?

O jornal "Nichi-Nichi", de Tokio, diz que seria uma loucura impraticavel que trazia a ruina ao Japão

A DISCUSSÃO Á RODA DA PROXIMA CONFERENCIA QUE REUNE EM WASHINGTON

A conferencia convocada pelos Estados Unidos, em Washington, veiu adormentar um pouco o receio de uma grande guerra entre a America e o Japão, deixando em suspensão esse receio até que uma decisão seja tomada ácêrca do desarmamento mundial.

Entretanto, parece que as intenções guerreiros atribuídas ao Japão não tinham muita rasão de ser.

Num artigo recente do jornal *Nichi-Nichi*, de Tokio, o deputado governamental Sabura Shimada dizia:

«Não ha um japonês sensato que possa pensar em ir atacar os Estados Unidos, atravez do Pacifico. Assim como tambem os americanos rasoaveis nunca poderiam lembrar-se duma guerra entre o Japão e a America.

O rumor duma guerra americano-japonesa mostra de que forma a desconfiança pode evocar o espectro da guerra. E' pueril toma-la a serio. Mesmo se o Japão recorresse ás armas, mesmo se se apoderasse das Filipinas e das Hawaï, não obteria nenhumas vantagens. O Japão não poderia explorar estas ilhas para seu proveito. Por outro lado, suponhamos que a America tem uma esquadra bastante poderosa para poder opor-se á passagem duma esquadra japonesa; não é menos verdade que a America pode prejudicar mais a America em tempo de paz do que em tempo de guerra.

O Japão não produz tudo de que precisa. Longe disso. O proprio arroz, alimento principal do povo japonês, tem de ser em parte, importado. A produção do ferro e do aço é insuficiente. O algodão, o petroleo, os aeroplanos são importados na maior parte. O principal artigo de exportação é a seda. O comercio da seda ficaria aniquilado se a exportação parasse durante um ano ou dois.

A concorrencia indiana já prejudica imenso o comercio do chá; uma paralização de alguns anos na exportação dêste artigo daria como resultado uma grande superprodução no Japão.

Porque não coopera o Japão com as potencias europeias e americanas de um lado e de outro com a China, tomando como bases da sua politica a livre concorrencia e a porta aberta? Obteria assim da China as materias primas de que necessita e dar-lhe-hia em troca produtos manufacturados. Se o Japão adoptasse uma politica imparcial e firme para com a China, a opinião publica americana evoluiria e mostrar-se-ia disposta a conceder a independencias ás Filipinas. Assim o Japão participaria nos beneficios da civilização.

Baseando a nossa conduta nacional em principios de paz e de equidade, acabaremos por triunfar dos politiqueiros que não falam senão de preparativos militares!

DE MADRID

A aviação militar

MADRID, 12.

O presidente do Aero Club da Catalunha avistou-se com o director da aviação militar participando-lhe que aquele Club presenteia a aviação militar com um aeroplano que se chamaria Catalunha.—(R.)

O DIA PARLAMENTAR

Apresentou-se hoje nos Deputados o novo titular da pasta do Comercio

"Só politica. Tudo politica, eis o que os deputados fazem", declara o sr. Barros Queiroz, a um nosso redactor — O caso de Aveiro — Palavras do deputado monarquico Carvalho da Silva: "Faço votos para que a demora do sr. Fernandes Costa no poder seja maior do que quando Sua Ex.ª foi presidente de Conselho"

Sessão reaberta ás 15, sob a elegante e pausada presidencia do sr. Jorge Nunes. O sr. Almeida Ribeiro faz considerações, extra-assunto da ordem, protestando contra a maneira como correm os trabalhos. (A Camara está tranquilissima e prepara-se para continuar a discutir os vinhos do Douro). O sr. Jorge Nunes, vê-se obrigado a responder; repondo as cousas e as pessoas politicas, e só então a sessão começa, de facto, com o uso da palavra que começará a fazer o sr. Azeredo Antas.

* * *

Acabou agora mesmo a Comissão de Verificação de Poderes de julgar a eleição por Aveiro. Acabou de ser assinado o acordão. Cousa sensacional. Que reza ele? Tomaram compromisso de honra os signatarios de não dizer nada... Até quando? (Estes segredos de vinte e cinco minutos?).

* * *

A um deputado da Comissão que julgou Aveiro:

—Está anulada a eleição...

—Ah! Não. Isso não!

—Estão eleitos os nomes primitivamente indicados.

—Ah! Não. Isso tambem não.

—Então?

—E' uma cousa que resolva todo o parece uma grande trapalhada...

* * *

Fala ainda o sr. Azeredo Antas. A uma afirmação sua, o fogoso deputado sr. Serafim de Barros faz um gesto, que não sabemos que exprimia. Vai dahi o sr. Azeredo:

—O que faz v. ex.ª? O que quere dizer esse gesto?...

—Eu...—responde o distintissimo deputado duriense—eu não fiz nada. Até estava quasi a dormir...

—Têm graça!—responde o primeiro. Quando v. ex.ª fala eu não há maneira de estar tranquilo. V. ex.ª exprime-se tão de rijo...

* * *

No buffete, são 15 e 20. O sr. Presidente do Ministerio e o nosso redactor:

—Como está v. ex.ª?

—V. como está?

—A resolução do grupo parlamentar democratico abala a saude do governo?

—Não. De maneira nenhuma. E' uma resolução que parece tomada por mim.

—Mas é contra o governo a moção aprovada?

—Sei lá. E' um documento que faz votos para que não deixem trabalhar. E' o que eu quero. Sómente o que eu quero. Com uma diferença. E' que a moção fala da apatia do governo quando a apatia é deles. Não me discutem os projectos.

—Então, sr. Presidente?

—Só politica. Tudo politica, eis o que os deputados fazem. Eu se puder falar hoje vou agradecer ao partido democratico o espirito da sua moção. E, quanto ao aspecto politico, note que nem o sr. Antonio Maria da Silva nem o sr. Vitorino Guimarães assistiram áquela reunião...

Sorriu, menos sinceramente do que tem por habito o illustre chefe do governo, e a seguir, pagou a conta do chá.

* * *

O acordão de Aveiro: Um dos raros, rarissimos deputados que ás 15 e 50 conhece o acordão, diz:

—Ele só prestigia os partidos e a Republica.

—E' então validada a eleição?

—Não. Isso não.

—Ah! Repete-se o acto...

—De maneira nenhuma...

Em resumo, pelo que sabemos neste momento, informamos os republicanos interessados na moral do assunto que nem o sr. Manuel Alegre, nem o sr. Homem Cristo, nem o sr. Jaime Silva tomarão lugar no Parlamento.

* * *

O sr. Carvalho da Silva diz—em cumprimento ao novo ministro do comercio—que entre adversarios os mais intransigentes não é forçoso que deixe de haver a mais escrupulosa consideração mutua. E fecha, balouçando o corpo, suspenso dos braços sobre o apoio da carteira:

—...E faço votos para que a demora do sr. Fernandes Costa no poder seja maior do que a quando s. ex.ª foi Presidente do Governo...

* * *

O socego da Camara hoje é uma cousa deliciosa. Parece o interior de S. Bento, quando S. Bento era apenas convento de frades.

* * *

O sr. Vasco Borges está contando uma anecdota. Não é esta, porém, podemos garantir isto pela tristeza da assembleia, a vocação do illustre «leader» dissidente.

* * *

O sr. Jorge Nunes, ás 16 e 10.

—Peço a atenção da Camara...

Já se foram embora os frades.

* * *

O sr. Costa Gonçalves diz nos *Passos Perdidos* que a reunião definitiva do grupo parlamentar democratico que vive a marcar uma posição, ainda não se realizou. Segunda-feira, lá para segunda-feira...

* * *

O sr. Lopes Cardoso, com o pretexto de cumprimentar o novo ministro do Comércio, ataca o governo e diz a certa altura que se não percebe porque é que saiu o sr. Granjo e entrou o sr. Costa, quebrando-se assim a continuidade da acção governativa:

— Só se foi... — diz — só se o sr. Antonio Granjo saiu para ir escrever uma peça de teatro...

* * *

O deputado monarquico sr. Mario de Aguiar, fazendo o elogio pessoal do sr. Fernandes Costa, protesta contra o palavreado, contra a politiquice dos deputados dos outros lados da Camara. E fá-lo com tanta e aparente justiça, que os visados se penitenciam e dizem:

—Apoiado! Sim, senhor, apoiado!

EM XABREGAS

Um violento incendio destroe quatro predios

Dezasseis familias ficam sem abrigo

Cerca das 6 horas da manhã de hoje numa propriedade de Xabregas denominada Sociedade Vila Dias Lt.ª e onde residem algumas dezenas de familias pobres, declarou-se um incendio violentissimo nos predios n.os 23, 24, 25 e 26, que arderam completamente do que resultou ficarem sem abrigo dezasseis familias. As propriedades estão seguras em oitenta e seis contos, avaliando-se em cerca de dezassete os prejuizos da parte sinistrada.

Na extinção do incendio foram utilizados dois poços da fabrica das Varandas por não haver agua canalizada no local do sinistro. Trabalharam dois auto-bombas e uma bomba a vapor. Foram feitos cortes de machado para evitar que o fogo destruisse toda a «vila».

Dirigiram o ataque os srs. João Baptista Ribeiro, ajudante interino, chefe de divisão Alves e chefes de secção Santos, Almeida, Pedroso e Rodrigues.

Os prejuizos foram totais para os inquilinos.

Ultimas Noticias

DE INGLATERRA

A repartição equitativa dos territorios da Alta Silesia

A comissão dos tecnicos aliados continúa a estudar os assuntos silesianos para fornecer informações ao Conselho Supremo

LONDRES, 12.—Os tecnicos aliados dos altos comissarios continuaram a estudar quais as comunas que estão ligadas a cada região industrial das Bacias Silesianas, estudando tambem as relações dêstes centros entre eles e as suas relações com os distritos do norte e do sul e tambem as suas ligações ferroviarias, de maneira a poder fornecer ao Supremo Conselho a maior soma de informações possivel para uma equitativa repartição dos territorios da Alta Silesia.—(R)

O governo adquire os campos onde foi imposta a Magna Carta

LONDRES, 12.—Tendo-se manifestado uma grande corrente de opinião contra que se inclua nas terras da corôa, que se pretendem vender, o campo de Runnymede proximo de Windsor, onde os exercitos do rei João e dos barões ingleses acamparam e onde foi imposta a aceitação da Magna Carta, o governo decidiu que esse campo se não vendesse.—(U. P.)

A conferencia de Washington reunir-se-ha no dia 11 de Novembro

LONDRES, 12.—O Japão concordou com a data de 11 de novembro para a reunião da conferencia de Washington e vai, portanto, receber agora convite oficial para assistir a ela. Parece certo que Lloyd George se decidirá a ir á conferencia representar a Inglaterra.—(U. P.)

DE PARIS

Bonomi refere-se á Russia na reunião do Conselho Supremo

PARIS, 12—O sr. Bonomi, discursando na reunião do Conselho Supremo, fez ressaltar que o auxilio que vem de fornecer á Russia mostrará claramente a uma certa parte da opinião publica europeia que parecia querer considerar o regime bolchevista como uma especie de paraiso terrestre, que ele, bem pelo contrario, conduziu a Russia a um estado de ruina tal, que esta nação só se poderá salvar com a intervenção de todos os governos civilizados.—(U. P.)

Criação de um corpo especial de guardas para proteger os comboios

PARIS, 12—Vai ser criado um corpo especial de guardas armados para proteger os passageiros dos comboios contra os ataques dos bandidos.—(U. P.)

DE ROMA

O testamento de Caruso

Os herdeiros resolveram fazer um acordo

ROMA, 12.

As questões suscitadas em redor do testamento de Caruso, parece que vão ser resolvidas em face do ultimo testamento feito pelo grande cantor antes do nascimento da sua filha Gloria. Neste testamento a viuva recebia apenas a parte da fortuna a que legalmente tinha direito, ficando o restante para dois filhos e um irmão. Os herdeiros de Caruso resolveram fazer um acordo amigavel.—(R.)

Conflitos entre "fascist" e comunistas

ROMA, 12.

Têm havido conflitos entre fascisti e comunistas em varios pontos da Italia.—(U. P.)

Os australianos e neo-zeelandeses

são dos mais belos tipos de imigrantes

NEW YORK, 11.

A repartição de imigração americana vae pedir que seja introduzida uma emenda nas novas leis de imigração, de fórma a poderem ser recebidos mais australianos e neo zeelandezes, que são dos mais belos tipos de imigrantes.—(U. P.)

Espectaculos

S. CARLOS—Fechado.
NACIONAL—Não ha espectaculo.
S. LUIZ—A's 21,30—«De capote e lenço».
GIMNASIO—A's 21,30—«O celebre Pina».
APOLO—A's 21,30—«A' procura do badalo».
AVENIDA—«Guardado está o bocado...».
POLITEAMA—A's 21,30—«A rainha do fonografo».
EDEN—A's 21,30—«Pé de dança».
SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22,30—«Trólaró».
COLISEU DOS RECREIOS—Fechado.

CHIADO TERRASSE—Fechado.
TEATRO GIL VICENTE (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas-feiras «Depois do degredo!».
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
SALÃO CENTRAL—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	43$50	47$00
s|Londres cheque	6 3/8	6 1/4
» 90 d. v.	6 1/2	—
R o s|Londres	7 11/16	—
s| Paris	806	822
s| Italia	450	459
s| Belgica	783	798
s| Suissa	1734	1769
s| Espanha	1331	1357
s| Berlim	125	133
s| Holanda	3202	3266
s| Nova York	10314	10520
Rio Brasil	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	5 1/2	—
» » » » Portugal	7 1/2	—
Agio do ouro	800	850

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s|Paris	60,30
» s|Londres	28,28
» s|New-York	—
» s|Berlim	—
Paris s|Londres	—
» s|Madrid	—
» s|Genebra	—
» s|Berlim	—
Londres s|Paris	—
» s|Roma	—
» s|New-York	3,65,5
» s|Berlim	—
» Amsterdam	11,76
» s|Genebra	—
» s|Belgica	—
» s|Suecia	—
» s|Austria	—